

SOB AS BÊNÇÃOS DE NOSSA SENHORA: A mulher no primeiro romance pernambucano

Carlos Antônio Pereira GONÇALVES FILHO*

José Soares de Azevedo era um nome bem conhecido nos meios intelectuais recifenses do século XIX. Sua assinatura pode ser encontrada na ata de fundação do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano, em 1862, do qual exerceu a presidência em 1876. Também foi diretor de Instrução Pública e empresário do ramo educacional tendo aberto, em 1839, o seu Colégio Pernambucano. Soares de Azevedo não era brasileiro, mas português, nascido no Porto em 1800. (SOUZA, 2010). Português também era um de seus professores que trabalhou no Colégio Pernambucano naquele mesmo ano de 1839, Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro. Este nasceu em 1809 na senhorial Casa da Torre, da Vila do Nogueira do Cravo, no conselho de Oliveira do Hospital, na Beira Alta e deixou este mundo em Moçâmedes (atual Namibe), Angola, em 1871. (MELO, 1980). Bernardino chegou a iniciar o curso de Direito na Universidade de Coimbra¹, mas não o concluiria devido à Guerra Civil motivada pela disputa política entre D. Miguel e o nosso D. Pedro I que, vencendo a contenda, tornou-se D. Pedro IV para os lusitanos. Bernardino alistou-se nas fileiras miguelistas, porém, com a derrota e exílio de D. Miguel, em 1834, passou a viver na clandestinidade publicando artigos em defesa do absolutismo no jornal “Portugal Velho”². Alguns anos depois, ele decide vir para o Brasil e se estabelece na capital pernambucana, quando, então, é contratado por José Soares de Azevedo. Bernardino ensinava, além do Latim e da Geografia, História, e parece que por esta tinha uma grande predileção, já que publicou vários livros didáticos nesta área. Bernardino viveu dez anos por aqui. Em maio de 1849, em meio a uma Recife assolada pela Rebelião Praieira e pelo *mata-marinheiro*, Bernardino parte, junto com outros portugueses, para Angola no intuito de fundar uma colônia agrícola. (MELO, 1956). Mas antes que deixasse o Brasil, Bernardino publicaria aquele que foi apontado por José Antônio Gonsalves de Melo e Leonardo Dantas Silva, como o “primeiro romance pernambucano”, *Nossa Senhora dos Guararapes*. A primeira edição data de 1847, três anos depois de *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo. Em 1980 sairia a segunda edição publicada pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife, uma edição fac-símile do exemplar conservado na Biblioteca Nacional. Em 2002 saiu uma terceira edição a cargo da editora universitária da UFPE integrando a “coleção nordestina”.

O título completo da obra de Bernardino é: *Nossa Senhora dos Guararapes: romance histórico, descritivo, moral e crítico*. Como se vê, quatro aspectos são abordados no texto que se pretende uma narração épica de fatos e heróis do passado pernambucano, um drama de amor, uma descrição da paisagem urbana e rural e uma crítica dos costumes. Estes quatro vértices narrativos estão ligados

* Doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em História pela mesma universidade. Este trabalho conta com o apoio da CAPES. E-mail: carlos.historia7@hotmail.com

¹ RELAÇÃO e índice alfabético dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra no ano letivo de 1829 para 1830, suas naturalidades, filiações e moradas. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1829. p. 6. Disponível em: https://bdigital.sib.ucp.pt/republica/UCBG-RP-15-2/UCBG-RP-15-2-1829-1830/UCBG-RP-15-2-1829-1830_item2/UCBG-RP-15-2-1829-1830_PDF/UCBG-RP-15-2-1829-1830_PDF_24-C-R0120/UCBG-RP-15-2-1829-1830_0000_Obra%20Completa_t24-C-R0120.pdf Acesso em: 20 out. 2012.

² Ver: <http://olharnogueiradocravo.blogspot.com.br/2007/10/bernardino-freire-de-figueiredo-abreu-e.html> Ver também: <http://joaoalvesdasneves.blogspot.com.br/2009/05/cartas-da-diaspora-o-oliveirense-abreu.html> A maior parte das biografias sobre Bernardino baseia-se na obra do padre José Vicente, *Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro*. Acesso em: 20 out. 2012.

entre si e constituem o escopo central da obra, como veremos mais adiante. O texto está estruturado na 1ª pessoa de um narrador. Ele não tem nome. Presume-se aqui o próprio autor na posição de um artista a retratar um rosto ou uma paisagem demarcando-lhes os contornos, os detalhes, as luzes e as sombras. O primeiro capítulo do livro situa o início da história em fins de 1846 quando o narrador acabava de chegar em casa depois de passar algumas horas em um *sarau*. Neste, “homens de diversos partidos e nações” conversaram sobre o “estado do mundo”, deixando enfadado o narrador diante de tantos “palavrões” como “felicidade dos povos”, “igualdade”, “constitucionalidade”, “garantias sociais”, “liberdade”, “egoísmo”, “mandões”, “segurança”, etc. (CASTRO, 1980, V.1: 4). Os *saraus* constituíam importantes espaços de sociabilidades no Brasil oitocentista. Eram reuniões acompanhadas de comes e bebes e música onde se aproveitava para cortejar esta ou aquela *senhora* e para pôr a conversa em dia. Nestes momentos de confabulação havia uma separação por sexo: homens de um lado, mulheres de outro. Aos primeiros estavam reservados os temas da Política, da Economia, do Estado e, é claro, das mulheres; às segundas, a moda, os dissabores domésticos e os homens... Era um momento propício para trocas de informações sobre o cotidiano das pessoas e da cidade. Estrangeiros também tomavam parte nestas reuniões disseminando suas ideias e levando impressões. O *sarau*, portanto, era um momento para distrair-se e informar-se. Para o narrador de *Nossa Senhora dos Guararapes*, o aludido *sarau* de 1846 representou um “triste quadro”. Diante dos “palavrões” acima aludidos, o narrador procura demonstrar que “a moral nos governos e nos governados é o que unicamente pode constituir o bem-estar de todos! Pois que após a dissolução moral é que vem forçosamente a dissolução política”. (CASTRO, 1980, V.1: 5). O clima político no período 1846/1847 é o da disputa entre *praieiros* e *guabirus*³ que irá culminar com a Rebelião Praieira, em 1848. É de presumir-se, portanto, que a discussão que se apresentou como um “triste quadro” para o narrador tenha sido marcada pelas argumentações dos partidários de um e outro partido. Mais adiante, ele irá descrever um “pesadelo” que lhe assomou depois dessas discussões:

[...] vi lugares juncados de cadáveres, a que roubaram a precisa existência os pais, os filhos, os irmãos, os amigos!... Ali um mancebo que na primavera de seus dias foi ceifado às esperanças da pátria e dos seus!... Lá um homem na virilidade, cujas forças eram o apoio da pátria e de sua numerosa família!... Mais além um sexagenário, que pela sua experiência podia e devia aconselhar a todos!... Do outro lado a desolada viúva, a inconsolável mãe, a desamparada órfã, a triste irmã que desgrenhadas e em lúgubres lamentos maldizem a sua malfadada sorte!... Campos talados, casas demolidas, templos profanados, peste, fome, tudo desgraça!... E tudo?!... Tudo para felicitar o gênero humano!!! (CASTRO, 1980, V.1: 6-7).

Um quadro desolador que também pode refletir o temor ante os distúrbios sociais que estavam tomando vulto naquele momento. Segundo Câmara (2005: 72),

Entre os anos de 1844 e 1848, aconteceram cerca de sete manifestações nas ruas do Recife, que se transformaram em verdadeira perseguição a comunidade portuguesa residente na cidade. Essas reações de antilusitanismo, também chamadas de *mata-marinheiro*, refletiam não só o clima político difícil e propenso a todo tipo de desordem, mas também os anseios dos promotores e participantes desses tumultos. Afinal, trata-se de uma época de extrema politização de grupos normalmente alijados de qualquer articulação formal com o poder.

Um ano depois de publicar *Nossa Senhora dos Guararapes*, ou seja, em 1848, ano da Rebelião, Bernardino irá solicitar do governo português auxílio para facilitar a emigração de

³ *Praieiros* era como eram chamados os membros do Partido da Praia, de orientação liberal. Já *guabiru* era o termo usado para identificar o grupo conservador ligado ao Barão da Boa Vista, do qual os *praieiros* faziam oposição.

vários portugueses com suas famílias para Angola, o que será atendido no ano seguinte. *Nossa Senhora dos Guararapes* é uma obra escrita por um português em uma província agitada por disputas políticas e antilusitanismo.

Impossibilitado de conciliar o sono devido ao *pesadelo social* que lhe acometeu, o narrador, parte, então, para Olinda, destino escolhido ao “acaso”, a bordo de uma canoa. É lá que encontrará alguma serenidade para o seu coração. Serenidade advinda de uma oração na igreja da Sé, construída no tempo de Duarte Coelho, de Jerônimo de Albuquerque, desses fidalgos da antiga capitania que conquistaram a terra vencendo a “tribo bárbara e selvagem” dos Caetés (CASTRO, 1980, V.1: 15). O autor dedica várias páginas aos feitos desses e outros heróis do passado pernambucano. Anota inscrições tumulares e procura destacar a biografia de bispos sepultados nas igrejas, verdadeiros santos, alguns com seu corpo milagrosamente preservado a ponto de verter sangue, como o do bispo D. Mathias de Figueiredo e Mello, sepultado em 1694 na igreja do Salvador do Mundo. (CASTRO, 1980, V.1: 20). E é nesta mesma igreja que o narrador se depara com uma jovem de 15 anos a orar com bastante fervor, Efigênia, personagem de um drama amoroso que terá seu desfecho ao final da obra. A escolha de Olinda aqui não é fortuita, mas simbólica. A antiga sede da capitania representa o tempo em que o Brasil e Portugal faziam parte de uma mesma nação, a lusitana. O passado colonial apresenta valores que estão sendo esquecidos pelos pernambucanos do século XIX, dentre os quais a fé (católica, respeito aos sacerdotes e aos templos) e a varonilidade (homens de brio, defensores da pátria, desbravadores, pais de família, honrados). Cabe ao narrador (e autor) mostrar aos seus contemporâneos o quão importante é cultivar esses valores tradicionais apontando os vícios que estão a merecer reparos. Em certo sentido, trata-se de uma empresa educativa que o autor-professor não deixa de levar a contento. Ele tem muito claro o seu objetivo, já delineado no início da obra: “a moral nos governos e nos governados é o que unicamente pode constituir o bem-estar de todos! Pois que após a dissolução moral é que vem forçosamente a dissolução política” (CASTRO, 1980, V.1: 5).

Retornando ao Recife, o narrador cultiva a esperança de poder encontrar a “moça da Sé”, Efigênia, já que o seu ar tristonho havia lhe chamado a atenção. Fica sabendo por um amigo que tal encontro será possível, pois o mesmo conhece a família e o apresentará. Neste ínterim é convidado para um baile e lá comparece. Este é um capítulo interessante do livro. O *baile* é um acontecimento social de importância e impacto maior do que o *saranau*. Acontecimento que agradava uma parcela do comércio local, já que os preparativos para ir ao baile demandavam gastos:

Passei pela cidade e várias vezes e em várias partes ouvi falar do baile da noite. Um procurava luvas de preço; outro, meias de seda de cor mimosa; este outro, sapatos de fino lustro; outros e outros as pomadas, os macassares, as colônias, os almiscarados, as bandolinas, as lavandas, as mil flores, as pérolas. Era um bulício em que andavam moços e velhos, o que mais me admirou e fez aumentar a vontade de não faltar. Ouvi diferentes conversas a respeito: Um noticiava que ia *D. Bebê*, *D. Totonia*; outro, *D. Nenê*, *D. Domdom*, *D. Janoca*, e mais nomes que me esqueceram e que nunca achei nos calendários [grifos no original] (CASTRO, 1980, V.1: 40).

Era preciso estar bem vestido e apresentável, pois o baile não era apenas uma ocasião para divertimento. Como espaço de sociabilidade, o baile oferecia oportunidades para que homens e mulheres encetassem aproximações, conversas, troca de olhares e, é claro, aproximassem seus corpos, se tocassem, pela dança. No trecho acima, os homens estavam ansiosos porque sabiam que ao baile compareceriam muitas *senhoras* conhecidas e objeto de seus desejos. Era uma oportunidade para se aproximarem delas... e elas, deles:

Cortejando as senhoras que conhecia, encetei conversação com uma, e como me sentei para isso no meio delas, aí observei como criticavam *D. Fulana*, cujo

vestido era de cassa antiga e não estava na moda; *D. Cicrana*, porque não trajava com elegância e mal lhe assentava o vestido de lapim furta cores; *D. Beltrana* que vinha cor ar risonho porque ali presente o objeto de suas atenções; *D. Pespegada* que tinha tido seus arrufos com um cavalheiro que ali se achava e parecia *fazer a corte* a uma moça de olhos fagueiros [...] Lá para o outro lado observa como olhos se encontram! Sim! *Fulana* pela ternura com que olha para o seu *emperrado*, mostra que breve celebrarão o seu consórcio [...] [grifos no original] (CASTRO, 1980, V.1: 41-42).

Na citação acima, as senhoras falam de vestidos e de cavalheiros. Percebe-se que o *jogo de cena* era um elemento corrente na aproximação entre homens e mulheres. Pelo gesto se dizia muita coisa sem dizer: o “ar risonho” de uma, os “olhos fagueiros” de outra, o “olhar de ternura” de fulana... Para Bernardino Freire, o baile representava um mal para as famílias. A “bailomania”, como ele mesmo intitula (CASTRO, 1980: 43) só aumentava as despesas e criava uma sociedade do faz-de-conta.

Mas não seria num baile como esse que o narrador encontraria Efigênia, a moça triste da Sé. Ele a encontra em sua casa, ao lado de seu pai, Adolfo que não conhece a causa do abatimento da filha. Fazendo-se estimado pelo pai e pela moça, ele logo descobre a origem da tristeza de Efigênia:

Contava eu apenas 12 anos quando apareceu em minha casa um jovem que me roubou a atenção... ficou o seu todo tão impresso na minha imaginação que a cada momento se me representava... Continuei a vê-lo... e cada vez mais me inclinava a amá-lo... até que um dia – dia fatal! Tivemos ocasião de conversar a sós... Ora é mister que lhe diga que grandes elogios tinha ouvido fazer a este moço e que me parecia tão bom, tão singelo, tão generoso, que me reputava feliz, se o possuísse... E que surpresa me causou encetar comigo conversação dizendo-me: Amo-te tanto, que se me não correspondest, não posso existir... A minha idade, a minha inocência foram bem fáceis de seduzir... Cedi a todos os seus transportes... por mais de um ano conservamos a mais estreita amizade... só vivíamos um para o outro... Ah!... não posso dizer-lhe mais... sim, fui traída... despreza-me... (CASTRO, 1980, V.1: 50).

Efigênia fora *seduzida* por um rapaz que logo adiante ficamos sabendo se chamar Eduardo. Encantada com seus atributos físicos e sua palavra cativante, Efigênia deixa-se levar por aquela atração a ponto de sacrificar a sua virgindade, como deixa explícito o autor em outro momento (CASTRO, 1980, V.2: 104). Desesperada porque seu amado não cumpriu a promessa de se casar com ela, Efigênia se entrega à tristeza e ao isolamento preocupando o seu pai. Mais adiante, ela diz: “que sirva de espelho ao meu sexo para que seja mais forte e não se deixe iludir por sedutoras promessas que, as mais das vezes não cumpridas confirmam a máxima de que os homens são astuciosos nos meios de enganar o sexo frágil”. (CASTRO, 1980, V.1: 51). *Sedução* era uma palavra que possuía mais de um significado no Brasil oitocentista. Comumente, ela designava o ato de ludibriar alguém denotando passividade: aquele (a) que era enganado (a), o era porque se deixara seduzir: foi fraco (a) ou incapaz por “natureza” ou por uma condição qualquer que o (a) impossibilitou de opor qualquer resistência a quem lhe seduzia, levando-o (a) a cometer o erro. Existem diversas situações em que este sentido foi empregado. Carvalho (1998: 299), por exemplo, observa que a classe senhorial considerava muitos casos de roubo de escravos (as) como um ato em que o ladrão “seduzia” o (a) cativo (a). Uma vez “enganados” pelos malfeitores, esses (essas) escravos eram retirados de seus senhores que, assim, ficavam a ver navios. No entanto, a recorrência do termo “sedução”, nestes casos, tinha por finalidade negar ou, pelo menos, fingir negar o fato de os próprios cativos (as) interferirem no processo de sua fuga ou roubo, optando por um senhor em detrimento de outro. Portanto, antes de serem seduzidos, eram eles que se deixavam seduzir. A *sedução*, entretanto, podia ter outro sentido além daquele

associado ao engodo. Homens e mulheres também “seduziam” e eram “seduzidos (as)” através de uma linguagem cifrada. Uma linguagem que se exprimia pela exterioridade de certas atitudes que, mesmo sem constar em nenhuma coleção de leis do Império, regulamentava certos pormenores das relações sociais. O *gesto*, neste caso, desempenhava um papel importante nas sociabilidades dos oitocentos informando a maneira como devia ser o contato, o “flerte” ou o namoro entre homens e mulheres através de um leque variado de sinais, como vimos no caso do baile.

Bernardino coloca sua personagem, Efigênia, na posição de quem foi enganada, assumindo, assim, uma atitude passiva. Ela, ingênua, foi ludibriada, deixou-se levar pelas aparências, e acabou perdendo o seu maior tesouro, a sua virgindade. É o sexo frágil, por excelência. Sexo dependente do outro, do forte, do homem. A história de Efigênia serviria de alerta para as famílias, e, sobretudo para as moças que lessem o romance. O recado da personagem às suas possíveis leitoras é claro: “que sirva de espelho ao meu sexo...” Para Bernardino, como vimos, a moral é que constitui o bem-estar de todos, dos governantes e dos governados. Ela é o elo social, o que mantém a ordem e harmonia dos povos e das nações. Moralizar significa cultivar bons hábitos e virtudes, valorizar a tradição em detrimento das modernices importadas. No mar turbulento das paixões e disputas do século XIX é preciso saber onde estão os portos seguros. Bernardino os aponta: a Igreja Católica, a varonilidade, a família, a mulher honrada.

Para demonstrar a sua tese, Bernardino adentra este *mar turbulento* para alertar seus (suas) leitores (as), o quanto perigoso ele se apresenta para as famílias. E nada melhor para isso do que assistir a uma apresentação no famoso Teatro de São Francisco, conhecido popularmente como “capoeira”, antecessor do Santa Isabel. Ali ele deve ter tido ocasião de ver peças bem apimentadas, a ponto de afirmar que

a donzela a mais recatada basta que uma vez vá ver uma licenciosa representação, para entrar inocente e sair mulher, a esposa fiel para aprender a atraçoar seu marido, a filha para se instruir no modo de iludir o pai, o jovem para se tornar mestre jubilado na sedução e nos mistérios da devassidão e sensualidade. Pais e mães de família! Ide, ide a esse teatro, se pretendeis que vossas filhas e filhos aprendam todas as artes diabólicas, vilmente consignadas nessas infernais peças, em que seus malvados autores venderam o vício por atacado e os cômicos o vão retalhando!!!!... (CASTRO, 1980, V.1: 56).

Efigênia estava longe de ser versada nestas “artes diabólicas” que nada mais eram do que práticas sociais correntes na época compondo o jogo da sedução⁴. Também Eduardo, o culpado pelo “crime”, não é o que aparenta ser. O motivo que o afastou de Efigênia foi a pressão do pai para que se casasse com uma moça rica. Eduardo não agiu de má fé. Ama Efigênia de verdade e não se importa pelo fato dela não ter grandes cabedais. Dote magro, coração farto. É a ela que ele ama, mas não tem coragem de enfrentar o pai, de dizer-lhe a verdade. Seu pai é irascível. Tem que se curvar à sua vontade. Legalmente não responde por si. Estar à mercê do pátrio-poder. Que fazer? A quem recorrer? Este é o nó do drama do casal Efigênia – Eduardo que encontrará seu desfecho justamente nos Montes Guararapes. E aqui é que entra em cena outra personagem importante: Nossa Senhora dos Prazeres.

Por que nos Montes Guararapes? Por que Nossa Senhora? A razão é simbólica, assim como aconteceu com a escolha de Olinda para onde foi o narrador da história acalmar o seu coração das “alucinações políticas”. Nos Montes Guararapes, os portugueses e “brasileiros” venceram as tropas holandesas definindo o início do ocaso da presença flamenga na região. Naqueles mesmos montes, antes da primeira contenda, Francisco Barreto de Menezes, João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros tiveram uma visão em que a Virgem lhes aparecia

⁴ Sobre o tema ver GONÇALVES FILHO, 2010. Em particular, o terceiro capítulo.

assegurando a vitória. (CASTRO, 1980, V.1: 80). Em retribuição foi construída a Igreja dos Prazeres. Ali, naquele local, *liberdade, coragem, patriotismo e fé* se misturam. E mais uma vez o passado é invocado para puxar as orelhas do presente. Um passado marcado por heróis, homens honrados e cheios de fé; homens em que os bigodes simbolizavam os guerreiros, ao contrário dos do século XIX, em que atestam o peralvilho (CASTRO, 1980, V.1: 116). Bernardino relata todo o processo da restauração, desde a ocupação holandesa, em 1630 até a capitulação, em 1654. Um relato parcial em que se sobressai a defesa da religião católica. A ocupação de Pernambuco, por exemplo, é explicada como um castigo pelos maus hábitos de seu povo:

Pernambuco, chegarás à borda do precipício porque teus filhos se desmandaram, as delícias os corromperam e lhes fizeram cometer as uzuras, os roubos, as emulações, as vinganças, os assassinios, as sensualidades! Efeminaram-se, degeneraram. A espada da Divina Justiça vai te punir... (CASTRO, 1980, V.1: 85).

É interessante notar que entre os crimes morais cometidos pelos “filhos de Pernambuco” encontra-se o de efeminar-se. No século XIX eram usuais as expressões “belo sexo” e “sexo forte”. Homem e mulher eram vistos como dotados de qualidades diametralmente opostas: força e delicadeza, firmeza e ternura os caracterizavam e, ao mesmo tempo, definiam os espaços de atuação que cabiam a cada um. Esta oposição, ou melhor, esta máxima diferenciação entre os sexos que incluía gestos e vestuário, não poderia admitir equívocos, ou seja, não poderia levantar dúvidas sobre a identidade masculina e feminina. O homem que externasse, de alguma maneira, um atributo qualquer pertencente ao *ser feminino* deixava, por assim dizer, de ser *homem*, da mesma forma que a mulher deixava de ser *mulher* se se apresentasse com alguma característica do *ser masculino*. É claro que isso dependia muito do ponto-de-vista de quem falava. O padre Lopes Gama, por exemplo, que foi contemporâneo de Bernardino, fazia uma comparação entre os homens do século XVI e os do século XIX:

Os barbaças daquelas eras só folgavam de cheirar a pólvora; os barbaças de agora trascalam-nos as ventas com cheiro do macassá, da essência de rosas, de água de colônia e do nauseoso almíscar. As mãos daqueles eram calosas de empunhar a lança, a adaga, a espada; as destes são macias como as de uma sinhazinha, os dedos são todos ornados de anelões e não sabem manejar, senão, coisas delicadas, como sejam a pena, um bouquet ou a correntinha do relógio. Mas tudo vai a melhor porque estamos no século das luzes e não tardará que os nossos jovens sinhazinhas bordem, façam lavarintos e tenham seus faniquitos. E porque não será assim, se existimos no século dos bailes e do vapor?⁵

O comentário do *padre carapuço* indica que novos signos passam a identificar o padrão de masculinidade que, se não eram de todo aceitos por Lopes Gama, não quer dizer que não os fossem desejados pelos outros homens de seu tempo. Ainda mais porque se tratava de agir, vestir e falar conforme os costumes adotados pela cultura burguesa europeia. Este homem do “século dos bailes e do vapor” não vestia armaduras, nem carregava lanças. Mas nem por isso deixava de ser-homem. Ele andava sempre perfumado, trazia visível a correntinha do relógio presa no colete (conferindo um *status*, mas também representando um dos símbolos dos tempos modernos), falava e escrevia sobre uma gama variada de assuntos (favorecido pela difusão da palavra impressa) e, para conquistar sua amada, levava um *bouquet* acompanhado de gestos mais delicados. Segundo Hall (1994: 70), a associação simbólica entre mulheres e flores se tornou mais

⁵ O Carapuço, Recife, 26 out. 1842. O padre Miguel do Sacramento Lopes Gama (1791-1852) foi professor, tradutor, diretor de vários estabelecimentos de ensino da Província de Pernambuco, redator e articulista de vários periódicos durante a primeira metade do século XIX, dentre os quais se destaca *O Carapuço*, publicado entre 1832 e 1847. Assim como Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro, Lopes Gama via na moralização da sociedade, o caminho para moralizar a política.

estreita no século XIX. O que o Lopes Gama criticaria sob a alcunha de *maricas*, também reflete a ascensão de novos comportamentos que traduzem uma modernidade aceita e desejada por jovens das camadas médias e altas da sociedade recifense.

Esses homens modernos também não pareciam agradar a Bernardino, como também não lhe agradava o indivíduo janota. O verdadeiro homem, para ele, é o heterossexual, pai de família, católico, destemido e respeitador dos bons costumes. O mesmo vale para a mulher levando-se em conta suas particularidades ligadas à maternidade e ao matrimônio. Segundo a narrativa de *Nossa Senhora dos Guararapes*, o que ocorrera com Pernambuco no século XVII foi justamente o degeneração destes modelos facilitando a “invasão” holandesa que indiretamente simbolizava o “castigo divino”. Invasão de “hereges” que não poupavam ninguém na sua “sede de sangue” (CASTRO, 1980, V.1: 97). Porém, como afirma a narrativa, não era o fim de tudo:

Mas a sentença de morte será embargada! O advogado será de valor! E quando não esperares senão a morte, quando já estiveres prostrado, ouvirás uma voz suave, uma voz melodiosa e consoladora que te chamará e estenderá a mão para levatares! Não lhes poderás resistir... e ainda que falto de forças e cambaleando, pouco a pouco te irás refazendo e aparecerás mais robusto do que antes! (CASTRO, 1980, V.1: 85).

Este “advogado” com voz suave, melodiosa e consoladora é Nossa Senhora. Ora, se para esta foi possível vencer um desafio gigantesco, como os holandeses, o que seria uma simples questão de casamento entre duas almas que tanto se amavam, como era o caso de Efigênia e Eduardo? No passado, a batalha foi contra a intransigência batava; no presente, seria contra o zelo paterno. O milagre haveria de se repetir, e o foi. Os pais de Efigênia e Eduardo ao tomarem conhecimento do ocorrido entre seus dois filhos ficaram, a princípio, revoltados, ciosos de castigarem seus rebentos de maneira exemplar, mas foram dissuadidos pelo narrador que atuou como mediador do conflito fazendo ver aos zelosos pais que o melhor seria casá-los. Efigênia e Eduardo, enfim, poderiam se unir em matrimônio. Toda a cena se desenrola na Igreja dos Prazeres para onde acorreram as duas famílias atraídas pelos poderes da Virgem. E é a Ela que os noivos rendem graças antes de partir.

* * *

Nossa Senhora dos Guararapes é um documento rico. Nesta breve comunicação enfatizamos mais a questão de gênero. Como todo documento ele é um registro e uma construção de um tempo. É possível examinarmos suas páginas em busca de práticas, costumes e paisagens hoje inexistentes ou quase. Mas também nos deparamos com as ideias e anseios de quem viveu e pensou uma época idealizando uma realidade diferente. Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro passou dez anos aqui. Sua história no Brasil é muito pouco conhecida, mas o que nos deixou é mais um pequeno tesouro sobre a nossa própria história.

Referências bibliográficas

- CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. “O mata-marinheiro do colégio e a radicalização da “populaça” do Recife na briga pelo mercado de trabalho”. **Clio** – revista de pesquisa histórica. nº 23, Recife, 2005, pp. 71-98.
- CARVALHO, Marcus J. M. de. **Liberdade**: rotinas e rupturas do escravismo. Recife; 1822-1850. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1998.
- CASTRO, Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e. **Nossa Senhora dos Guararapes**: romance histórico, descritivo, moral e crítico. [Ed. Fac-símile da 1ª Ed de 1847] Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980. 2V.

GONÇALVES FILHO, Carlos Antônio Pereira. **Honradas Senhoras & Bons Cidadãos:** gênero, imprensa e sociabilidades no Recife oitocentista. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

HALL, Catherine. Sweet Home. In: PERROT, Michelle (org). **História da Vida Privada:** da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily. 4ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. pp. 53-87.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. Bernardino Freire e o primeiro romance pernambucano. In: CASTRO, Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e. **Nossa Senhora dos Guararapes:** romance histórico, descritivo, moral e crítico. [Ed. Fac-símile da 1ª Ed de 1847] Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980. s/p.

_____. “Pernambuco e Angola”. **Diário de Pernambuco**. Recife, 15 abr., 1956. Disponível em: <http://bvjagm.fgf.org.br/obra/Imprensa/030404-00029.pdf> Acesso em: 20 out. 2012.

SOUZA, George Félix Cabral de *et alii*. **Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano:** breve história ilustrada. Recife: IAHGP, 2010.